

## Questões de letramento e de gênero do discurso em *blogs*

Daniel Dantas<sup>1</sup>  
Adriano Lopes Gomes<sup>2</sup>

RESUMO: Este artigo estuda os blogs sob a perspectiva das questões de letramento e leitura e a partir da discussão das questões de gênero do discurso e de suporte textual. Fundamenta-se na dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UFRN. Os dados coletados no Blog do Tas (<http://marcelotas.blog.uol.com.br>) foram analisados conforme os estudos do letramento e leitura, de gênero e de suporte.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento, letramento digital, gênero do discurso, *blogs*, lingüística aplicada.

### Introdução

O letramento digital tem sido alvo de estudos e análises que se preocupam com as novas tecnologias e as transformações culturais trazidas no bojo de seu desenvolvimento. O avanço das mídias digitais e do hipertexto virtual é um desafio à pesquisa acadêmica sobre seu impacto na sociedade. Um dos fenômenos que se têm destacado nesse sentido e que tem despertado o interesse dos pesquisadores são os *blogs*.

Os *blogs* são páginas da Internet, constituídas em espécie de diário pessoal, em que o autor é livre em sua produção e o leitor tem uma participação ativa através dos *links* de comentários. A interação entre o sujeito-autor e o sujeito-leitor, proporcionada de maneira única pela ferramenta dos *blogs*, provavelmente tem contribuído na formação de leitores com características distintas de outras épocas.

Intimamente relacionado às questões postas acima se põe a discussão acerca de gêneros do discurso e suporte textual, especialmente no que se refere às novas formas surgentes na Internet. Dentre elas, os *blogs*. Assim, ao discutir *blogs* e letramento é indispensável se posicionar acerca da teoria dos gêneros e da análise dos suportes. Essa é a nossa proposta a seguir.

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Mestre em Estudos da Linguagem (UFRN), Graduado em Comunicação Social/Jornalismo (UFRN).

<sup>2</sup> Mestre e Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), graduado em Comunicação Social/Jornalismo (UFRN), professor do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UFRN.

## 1. As noções mais relevantes para o letramento digital

Para introduzirmos a discussão acerca da noção de letramento digital que estamos adotando, e antes de definirmos os *blogs* a partir dessa perspectiva, achamos apropriado apresentar a noção da escrita vernacular (Camitta, 2000). A partir disso, tornar-se-á mais simples a definição do que envolve e de como se dá o letramento digital e que papel têm os *blogs* nesse processo.

Camitta (2000) classifica a escrita vernacular como colaborativa, recursiva e performativa. A autora afirma que a colaboração, tanto escrita quanto oral, tem seu lugar no processo de escrita transformado em um tipo de performance, na qual a audiência do texto é tornada real em lugar daquela que é suposta e fictícia na produção textual convencional usada na escola. Ela chama de performance ao processo, tipicamente presente na escrita vernacular, que se dá quando o autor lê um texto para ou o deixa ser lido por uma audiência, e o altera a partir do diálogo com os leitores/ouvintes. O resultado da interação dialogada nos *blogs* – através dos comentários de cada *post* – assemelha-se àquele alcançado, na perspectiva da autora, pela escrita vernacular, com a importante distinção de que a audiência dos *blogs* não permite a execução do aspecto performático na interação. No entanto, em ambos os casos, o autor pode alterar seus textos partindo das reações e do diálogo com seus interagentes. No caso dos *blogs*, a audiência *on-line* manifesta-se unicamente de forma escrita em seus comentários. Acreditamos, por isso, que a disponibilização da ferramenta de comentários nessa espécie de página da Internet representa uma espécie de convite a que este processo se efetive na produção textual blogueira. O *blog* é, a nosso ver, um lugar de escrita interativa, onde os autores abrem a possibilidade de que seus leitores intervenham com seus comentários a respeito do escrito.

Começamos a esclarecer, portanto, o que temos entendido por escrita interativa. Ela existe, nos *blogs*, em função do compartilhamento da escrita entre autores e leitores que juntos co-produzem um mesmo hipertexto. Julgamos interessante, nesse contexto, discutirmos o que Bakhtin denominou de *atitude* ou *compreensão responsiva ativa*. Bakhtin (1997: 290) entendia que o receptor (interlocutor) de um dado discurso o recebe com uma postura que denominou de *atitude* (em alguns casos, *compreensão*) *responsiva ativa*, ou seja, “ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta” o enunciado. Ele afirma que as relações dialógicas do discurso do outro no objeto do enunciado e na resposta antecipada que esse enunciado supõe interferem decisivamente no interlocutor, “procurando afetar e destruir o fundo aperceptivo de sua compreensão ativa” (Bakhtin, 1990: 91). Isso significa

que, ao se pronunciar, o enunciador antecipa as possíveis respostas de seus interlocutores, buscando formas de condicioná-las, de modo que sua fala atinja a intenção proposta.

Bakhtin (1997) parte de uma concepção dialógica da linguagem, entendendo que todo enunciado é um elo da cadeia de comunicação discursiva. Por isso, ele compreende que cada enunciado pode ser tomado como uma resposta ativa de outros discursos já proferidos a respeito de um tema ou objeto, ao mesmo tempo em que ao ser enunciado prevê uma resposta ou, no mínimo, uma compreensão ativa da parte do ouvinte. Para Bakhtin (1990: 89), a “resposta compreensível é a força essencial que participa da formação do discurso e, principalmente, da compreensão *ativa*, percebendo o discurso como oposição ou reforço e enriquecendo-o”.

O pensamento bakhtiniano entende que a linguagem é elemento constitutivo da realidade social. E, nesse sentido, ambos restituem o sujeito como elemento ativo no uso e no entendimento dessa linguagem. O ator social não é um idiota cultural permanentemente submetido à força coercitiva das normas sociais que se enunciam no seu mundo. Ele é um membro de uma comunidade, participante de um domínio discursivo, ativo para concordar ou discordar (total ou parcialmente), completar, adaptar ou executar aquilo que a linguagem social à sua volta lhe procura impor, reelaborando seu mundo de maneira dialógica. O mundo social com suas normas se constrói em torno do sujeito e por meio da sua interação com outros sujeitos através da elaboração de discursos manifestos em enunciados que jamais serão recebidos passivamente pelos indivíduos.

Dessa maneira, o blogueiro leva em consideração a relação intersubjetiva que estabelece com os seus leitores através dos comentários. Ao escrever, o seu leitor se torna de certa forma presente, uma vez que o blogueiro procura mecanismos para persuadi-lo e para condicionar sua resposta ativa. Por outro lado, as respostas manifestas na relação intersubjetiva que se estabelece entre leitores e autores no mundo dos *blogs* conduzem os blogueiros à alteração, a releituras e a adaptações de seus textos postados. Mesmo que essas respostas não se concretizem nos comentários, apenas a sua antecipação por parte do blogueiro pode conduzi-lo a reformar o texto original em um processo que temos entendido como sendo de autocensura.

Além disso, contribui para o nosso entendimento da questão, percebermos que na era do texto eletrônico, as fronteiras entre autor e leitores se tornam extremamente efêmeras: os leitores têm potencial de se tornarem co-autores (Chartier, 1999c). Chartier (2003; 1999c) afirma que com o texto eletrônico, que subverte a distinção entre o autor do texto e o leitor do

livro, leitores e escritores potencialmente se tornam autores de um texto escrito a muitas mãos. Isso pode ser entendido, também, através da possibilidade que o sujeito tem de construir textos novos, iniciando pelo recorte e pela reunião de trechos de outros textos.

Nossa posição fundamenta-se, desse modo, na concepção de que *posts* e comentários representam uma unidade de hipertexto. Assim, cada comentário se agrega ao texto postado, constituindo, afinal, um único hipertexto. Cada comentador, portanto, se torna um co-autor do *blog*, enquanto suporte, com suas contribuições, atuando desse modo e ainda de outro: os comentários influenciam a escrita de novos *posts* e a reescrita de *posts* anteriores por parte dos blogueiros.

A partir disso, somos conduzidos a refletir acerca do chamado letramento digital. Em primeiro lugar, assumimos que os conceitos de práticas, eventos e mundos de letramento, e as questões originárias do modelo de letramento, nos conduzem a pensar na forma em que se apresentam no novo ambiente social que é a Internet. Constatamos que temos participado de eventos de letramento desse ambiente, vinculados a este particular mundo de letramento, através dos quais adquirimos práticas relacionadas às suas formas de textualização e interação, como é o caso dos *blogs*.

Outro elemento preponderante no surgimento de um letramento digital é apontado por Gollin (1999), ao admitir que o uso mais difundido de computadores em rede e da Internet e o surgimento de programas que permitem o desenvolvimento e a escrita de textos conjuntos por escritores distantes uns dos outros no espaço estimularão cada vez mais a escrita conjunta. A escrita e a leitura na Internet se fundamentam nesta forma de escrita partilhada em que o leitor também se torna escritor. Isso se dá de maneira clara no caso dos *blogs*.

Segundo Xavier (2004), o letramento digital é uma necessidade contemporânea, que só tende a aumentar, porque a nossa participação na nova era digital deve passar necessariamente pelo aprendizado da leitura e da escrita no contexto hipertextual, o qual deve mediar as nossas relações de sujeito. Para ele, a nossa capacidade de ler o mundo tende a ser alargada pelo hipertexto, consolidando o processo definido primeiramente por Paulo Freire de que, para ler a palavra, é necessário ler o mundo. Na sociedade contemporânea, tanto a palavra quanto o mundo tendem a se cruzar no contexto hipertextual da Internet.

Por fim, no caso específico do letramento digital que se manifesta nos *blogs*, destacamos que os participantes deste grupo colaborativo peculiar que se envolve na produção hipertextual dos *blogs* se relacionam a partir de posições com graus de influência diferenciados, uma vez que o autor do *blog*, que tem espaço maior e mais privilegiado para a

escrita nos *posts*, detém, certamente um maior grau de poder do que os seus leitores que participam apenas nas ferramentas de comentários. Em outras palavras, ao tomarmos os *blogs* como espaço virtual para a produção de escrita interativa, faz-se necessário que essa colaboração seja estruturada e hierarquizada, visto que a maior parcela de poder e influência na relação recai sobre o autor da página.

Depois dessa discussão, tendemos a caracterizar os *blogs* como eventos de letramento digital que instauram novas formas de relação entre o sujeito e o letramento. Os *blogs* serão, então, vistos como eventos de letramento dos quais podemos inferir as práticas de letramento digital que apontam para formas de escrita interativa hipertextual. Desse modo, a escritura nos *blogs* é uma ação social compartilhada por blogueiros e seus leitores que manifestam novas práticas de letramento nesse evento contemporâneo que tem lugar no espaço virtual da Internet.

## **2. O leitor no ambiente virtual**

Pensando na formação de leitores contemporaneamente, faz-se necessário destacar a relação de leitura do hipertexto. O texto eletrônico ou virtual permite ao leitor embaralhar, entrecruzar e reunir da maneira que lhe for conveniente os textos de que dispõe, promovendo, assim, uma revolução não apenas no suporte material do escrito, mas também nas maneiras de ler (Chartier, 1999a). O leitor se torna, desse modo, mais livre. O suporte do texto de Internet possibilita usos, manuseios e intervenções do leitor, infinitamente mais numerosos e com maior liberdade do que outros suportes distintos. No entanto, segundo Chartier (2002), ainda são grandes as defasagens entre o que se fala sobre a “Revolução Eletrônica” e qualquer mudança nas práticas de leitura. Para ele, a leitura continua ligada aos objetos impressos, passando a largo dos textos eletrônicos.

Chartier (1999a: 92) afirma, ainda, que a singularidade de leitura de cada sujeito individualmente é “atravessada por aquilo que faz que este leitor seja semelhante a todos aqueles que pertencem à mesma comunidade”. Em outras palavras, isto pode nos indicar que na formação do leitor no suporte da Internet, os gestos de leitura desse sujeito relacionam-se à comunidade, mesmo virtual, a que pertence como membro.

Nesse sentido, Silva (2003b) afirma que a formação do leitor na Internet se traduz na formação de sujeitos que têm condições de satisfazer necessidades de informação e de participar ativamente dos destinos da sociedade. Segundo Almeida (2003a; 2003b), o leitor na Internet lê de maneira diferente da que lê o leitor de impressos. Devido a enorme oferta de

conteúdo disponível ao leitor na Rede, é suficiente que o texto se torne cansativo e desinteressante para que o leitor saia dele e vá buscar outras alternativas<sup>3</sup>. Ao mesmo tempo, essa enorme oferta de informações pode conduzir o leitor a um verdadeiro *stress* e a questionamentos acerca do que deve ser lido, de que informação é verdadeira e que textos são confiáveis ou não. Assim, o autor defende que as pessoas terminam não lendo na Internet. Também Nielen (*apud* Silva, 2003a: 123) afirma que o leitor do texto eletrônico efetua uma varredura na tela do computador, sem realizar uma leitura efetiva do texto, como o faria em uma página impressa. Esse fato é corroborado pela experiência de muitos usuários que tendem a imprimir os textos on-line para lê-los em papel.

As práticas de letramento se efetivam através dos gêneros discursivos. Por isso, a questão dos gêneros é tomada como elemento fundamental no estudo do letramento e leitura. Em virtude disso, justificamos a discussão que vem a seguir.

### **3. Os blogs na perspectiva da questão do gênero e do suporte**

#### **3.1 Gênero do discurso**

Discutir a questão do gênero sem partir da perspectiva bakhtiniana seria praticamente impossível. O círculo de Bakhtin, entendendo a língua em uma abordagem discursiva como prática social dialógica, desenvolveu as noções fundamentais acerca do gênero e do enunciado. Para Bakhtin (1992), cada esfera comunicacional elabora os seus gêneros peculiares do discurso, entendidos como *tipos relativamente estáveis* de enunciados. Além disso, segundo Volochínov (1978), cada época e cada grupo social também têm seu repertório particular de gêneros, correspondente a um grupo temático próprio, os gêneros se relacionando aos temas específicos<sup>4</sup>. Os gêneros, vistos como fórmulas estereotipadas, adaptam-se aos canais de interação social reservados aos grupos, refletindo ideologicamente o seu tipo, estrutura, objetivos e composição social.

Uma vez que Bakhtin entendia os gêneros como tipos relativamente estáveis de enunciados, é necessário, também, nesta questão entendermos o que o pensador russo entendia por esse conceito. Os enunciados, para Bakhtin (1992), refletem as condições e as finalidades de cada esfera de comunicação, tanto em relação aos conteúdos temáticos, quanto

---

<sup>3</sup> Almeida (2003a: 34) destaca pesquisa divulgada por Jakob Nielsen (*How users read on the Web – Como os usuários lêem na Internet*) que descobriu que 79% dos leitores na Internet olham rapidamente o conteúdo da página e que apenas 16% lêem o texto integralmente. Segundo essa pesquisa, a preferência dos leitores é por parágrafos curtos e objetivos, apresentando os principais pontos em itens (Almeida, 2003a: 34).

<sup>4</sup> Provavelmente para tentar traduzir esse conceito, Hyland (2002: 119) afirma que os gêneros precisam ser entendidos como dinâmicos e socialmente situados.

ao estilo e recursos puramente lingüísticos. No entendimento do autor, o enunciado é a unidade real da comunicação verbal.

O enunciado se diferencia da oração, que é uma unidade da língua enquanto sistema, por ser claramente delimitado, estar em contato com a realidade e ser um elo de uma cadeia de enunciados anteriores e posteriores. Além disso, o enunciado provoca uma resposta ou, pelo menos, uma atitude responsiva ativa.

Nesse sentido, Freire (2003) defende que nos tempos do texto digital e da Internet, a enunciação digital faz emergir gêneros de discurso novos que, mesmo apoiando-se sobre os gêneros pré-existentes, são frutos da nova sociedade e textualidade virtual. A Internet é espaço, assim, para o surgimento e uso de novos gêneros, derivados de novos usos e novas formas de linguagem e práticas sociais.

Isso combina com o que previa Bakhtin (1992). Para ele, a variedade dos gêneros é virtualmente infinita. Além disso, o autor distinguia entre os gêneros primários e os gêneros secundários. Os gêneros primários, ou simples, possuem uma relação imediata com a realidade, constituindo-se na comunicação verbal espontânea. Os gêneros secundários, constituídos pelos primários, terminam por perder, segundo Bakhtin (1992), a relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios.

Os *blogs* surgem como gêneros da esfera digital/virtual, construídos sobre o gênero primário “diário íntimo”, mas gradativamente foram-se complexificando. Apesar de boa parte dos pesquisadores os classificarem ainda como um gênero, mesmo que secundário, nossa tendência é entender os *blogs* como suporte, como procuraremos defender adiante.

Seguindo Bakhtin, Hyland (2002) entende que os gêneros ajudam a unir o social e o cognitivo porque eles são centrais para entendermos, construirmos e reproduzirmos nossas realidades sociais. Assim, são flexíveis e adaptáveis aos contextos de interação social.

Outro elemento determinante do gênero do discurso é o papel do destinatário do enunciado. Segundo Bakhtin (1992: 321), cada “um dos gêneros do discurso, em cada uma das áreas da comunicação verbal, tem sua concepção padrão do destinatário que o determina como gênero”. Isso significa que quando o enunciado é produzido, o locutor tende a antecipar a resposta ou atitude responsiva do interlocutor e essa resposta presumida influenciará o seu próprio enunciado. Essa presunção é fator que determina a escolha do gênero do discurso a ser usado pelo locutor, de acordo com o intuito comunicativo que deseje alcançar.

Introduzida a questão do gênero, abre-se espaço para discutirmos a questão do suporte, claramente relacionada com a teoria dos gêneros, e explicarmos a nossa opção por classificar os *blogs* como suporte, e não mais gênero.

### 3.2 A questão do suporte

Marcuschi (2003), antes de definir a relação entre gêneros e suportes textuais, apresenta alguns conceitos que devem ser vistos, também, como categorias analíticas. A fim de elucidar a apresentação do conceito de suporte e esclarecer os encaminhamentos de nossa reflexão e pesquisa, destacaremos alguns desses conceitos, na concepção de Marcuschi (2003). Desse modo, para o autor, texto é o objeto lingüístico tomado como organização e de acordo com suas condições de produção; ou seja, é um evento comunicativo. Já o discurso é visto como a materialização do sentido, sendo entendido como mais que a enunciação de formas ou cadeias lingüísticas. O domínio discursivo (ou esfera da atuação humana), para Marcuschi (2003), é uma instância discursiva, uma esfera da atividade social, como o discurso jurídico ou o domínio midiático. Os *blogs*, por exemplo, ocorrem na dimensão do domínio midiático.

A partir disso, Marcuschi (2003) parte para a idéia central de que cada gênero tem um suporte. Posição semelhante é defendida por Chartier (1999b: 17) que afirma que não há texto sem suporte. No entanto, para Marcuschi (2003), a definição de suporte exige cuidado. À medida que se procura delimitar e definir os suportes de gêneros textuais, acaba-se por discutir, também, que nível de influência os suportes exercem para a seleção de gêneros e sua forma de apresentação. Por outro lado, para o autor, pensar na questão do suporte é refletir acerca da circulação textual em nossa sociedade.

A partir disso, buscando uma noção mais firme sobre a natureza do suporte textual, ele afirma que, apesar de as definições serem relativas até certo ponto, o **suporte** é uma superfície física ou virtual, em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto, sendo especificamente produzido com esse fim. Enquanto o suporte fixa materialmente o texto, o canal transporta e transmite esse texto. O suporte tem relevância na constituição daquilo que suporta ou transporta, ainda que Marcuschi não consiga explicar isso com clareza.

O autor divide os suportes em dois tipos: enquanto os **suportes convencionais** são aqueles que são produzidos com a finalidade principal de suportar textos (como livro, jornal, revista), **suportes incidentais** são aqueles que podem trazer textos, mas não são primeiramente destinados a isso (embalagem, pára-choque de caminhão, corpo humano).



Além disso, o autor apresenta os sistemas de correios, os programas de e-mail, as malas diretas e as *home pages* como casos típicos do que ele chama **serviço**.

Para Marcuschi (2003), no que discute com Chartier, o fato de um texto ser transportado de um suporte a outro não altera o entendimento da leitura do sujeito, mas apenas a sua relação com o texto. No entanto, é o caso de se questionar se uma relação diferente entre leitor e texto provocada por um suporte diferente não originaria uma compreensão diversa do conteúdo, uma leitura diferente? Acreditamos que sim.

Chartier (2002) acredita que a mudança de suporte realmente produz uma leitura diferente, no sentido de compreensão, não apenas relação. Tal perspectiva é explicitada pelo autor (Chartier, 1999b), quando ele afirma que as significações dos textos dependem das formas como são recebidos e apropriados pelos leitores e editores e também que é preciso levar em consideração que estas formas produzem sentidos, e que os sentidos de um texto se modificam tão logo se mudem os dispositivos em que se manifestam. As transformações editoriais que um mesmo texto pode apresentar produzem mudança nas conexões intelectuais ou discursivas do raciocínio na leitura. O autor defende, portanto, que a compreensão de um texto depende do seu suporte, das formas materiais nas quais o texto se apresenta.

De todo jeito, nosso propósito é defender que os *blogs* se caracterizam muito mais como suportes convencionais de textos do que como gênero. Em primeiro lugar porque, em um sítio desse tipo, diversos gêneros discursivos se fazem presentes em cada uma de suas partes. O *blog* comum possui diversos gêneros diferentes em sua apresentação como uma página. No Blog do Tas, por exemplo, vemos em sua estrutura fixa uma série de textos manifestando gêneros distintos:

a) *Links* hipertextuais, que se constituem na própria essência do hipertexto eletrônico. Utilizamos como exemplo um dos links que conduzem ao espaço para comentários do Blog:



**às 08h52 - Marcelo Tas - [93 comentários](#)**  
**[envie esta mensagem](#)**

**FIGURA 14 – Imagem do link de comentários**

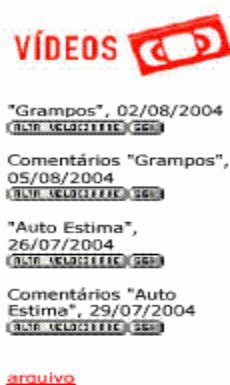
Caso o leitor clique sobre o texto “93 comentários”, automaticamente ele será encaminhado a uma nova janela onde poderá dispor seu comentário sobre o texto publicado pelo blogueiro.

b) *Banners*, como a grande marca com o nome “Blog do Tas”, na parte inicial da página:



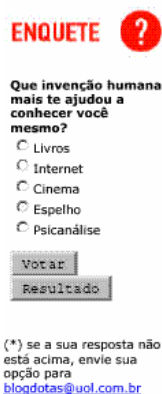
**FIGURA 15 – Banner contendo título do Blog**

c) Índices, como é o caso da lista de vídeos em arquivo pelo Blog, reproduzida abaixo:



**FIGURA 16 – Seção Vídeos**

d) Enquetes, como a seguinte:



**FIGURA 17 – Enquete no Blog do Tas**

Além desses exemplos relacionados àquilo que temos chamado de estrutura fixa do Blog do Tas, os *posts* podem ser apontados como manifestações de gêneros discursivos diferentes. Enquanto a maioria dos textos se caracterizam como artigos de opinião, uma vez que expressam os comentários do blogueiro sobre diferentes assuntos, temos exemplos de outros gêneros, como a charge do *Post* 11 (“Angeli (Folha, 19/04/05)”):

**ANGELI (Folha, 19/04/05)**



**FIGURA 18 – Imagem do Post 11 (charge)**

Em termos de *posts*, além do gênero diário, encontram-se muitas vezes no mesmo blog, *posts* dos mais diferentes gêneros, como a charge acima. Enfim, firmados nessa diversidade textual em termos de gêneros que pode estar presente em um mesmo *blog*, reafirmamos ser conveniente classificar essa espécie de página da Web como suporte textual e não simplesmente como gênero.

Outro aspecto a ser levado em conta é que, atualmente, os *blogs* têm-se aproximado, em seu formato e conteúdo, das *home pages*, que Marcuschi (2003: 19) já classifica como suportes textuais<sup>5</sup> e não mais gêneros. Além de diversas espécies de gêneros se encontrarem disponibilizadas nas *home pages*, os *links* hipertextuais e os conteúdos de portais na Internet remetem o leitor a páginas representantes dos mais diferentes gêneros discursivos, como revistas (em sua versão online), jornais, artigos, música e rádio, entre outros.

Apesar do exposto, é importante considerar que essa classificação não é estanque; podem-se encontrar *blogs* que se situem mais ou menos próximos do conceito de suporte ou de gênero, cabendo análises mais detalhadas e particulares para que tal questão encontre seu ponto pacífico. Na verdade, Marcuschi (2003) entende a questão do suporte como um *continuum*, que vai desde os gêneros discursivos mais primários até os suportes mais complexos. Logo, essa é uma discussão longe de se esgotar nos limites deste trabalho.

---

<sup>5</sup> Na verdade, entendemos as *home pages* e os *blogs* como suportes multimodais.

#### 4. Considerações finais

Entendemos os *blogs*, em nossa pesquisa, como lugares virtuais apropriados para a manifestação típica da escrita que denominamos interativa. Essa escrita ocorre no contexto do ciberespaço e do hipertexto. Particularmente, dentro desse processo, os autores dos *blogs* possibilitam aos seus leitores que intervenham em comentários a respeito do escrito. Assim, o hipertexto é tomado como uma construção partilhada entre os membros dessa comunidade virtual – a comunidade blogueira. Tal comunidade tem como membros – participantes que dominam as regras sociais e linguagem do grupo – os blogueiros e os seus leitores. No caso específico do Blog do Tas, são seus membros Marcelo Tas e seus leitores.

Defendemos, também, com base na nossa análise, o entendimento de que os *blogs* podem ser vistos como eventos de letramento digital, ou seja, espaços virtuais em que relações intersubjetivas de leitura, escrita e uso social adequado do texto se dão plenamente. Participar de um letramento digital deve significar assumir uma prática de letramento capaz de formar sujeitos que se portem de maneira ativa na nova sociedade da informação. Uma característica das práticas de letramento que acontecem na relação de escrita e leitura nos *blogs* fundamenta-se na dialogia explícita, originada da possibilidade de cada leitor contribuir na escrita e produção através da postagem de comentários. O convite à intervenção do leitor é característica decisiva dessa prática de letramento: ler um *blog* de maneira apropriada significa ser capaz, também, de comentar o *blog*, intervindo na sua produção.

Além disso, defendemos que os *blogs* se caracterizam como suportes convencionais de textos, e não apenas como um gênero. Diferentes gêneros, como mostrado acima, se apresentam nos *blogs*, que tal qual as páginas convencionais de Internet.

Foi conclusão de nossa pesquisa, que reiteramos aqui, que o processo de formação de leitores é dependente da experiência e experimentação dos leitores, conduzidos por mediadores. No caso do letramento e da leitura de texto digital nos *blogs*, acreditamos que os blogueiros, como Marcelo Tas, são promotores de leituras: além de abrir a possibilidade da leitura de seus próprios textos postados, permitem que outros membros se ponham em relação de leitura e produção através das interações ocorridas por meio dos links de comentários. O blogueiro, então, se torna um mediador de leituras, porque possibilita experiências de leitura enriquecedoras aos membros. E, sendo mediador de leituras, o blogueiro é, também, um promotor de letramentos digitais, ao possibilitar e conduzir a emergência do *blog* como evento de letramento. Essas experiências alcançam o auge quando

o próprio leitor se torna, ele mesmo, blogueiro. Afinal, todo blogueiro, o que é quase óbvio, um dia foi leitor de *blogs* até que decidisse também escrever suas próprias páginas.

## Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Rubens Queiroz de. “O leitor navegador (I)” *in*: SILVA, Ezequiel Theodoro da (coord.). **A leitura nos oceanos da Internet**. São Paulo: Cortez, 2003a.
- \_\_\_\_\_. “O leitor navegador (II)” *in*: SILVA, Ezequiel Theodoro da (coord.). **A leitura nos oceanos da Internet**. São Paulo: Cortez, 2003b.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- \_\_\_\_\_. “Os gêneros do discurso”. *In* \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Questões de literatura e de estética**. São Paulo: Hucitec/Unesp, 1990.
- CAMITTA, Miriam. “Vernacular writing: Varieties of Literacy among Philadelphia High School Students. *In*: BARTON, David, HAMILTON, Mary & IVANIC, Roz (orgs.). **Situated Literacies**. London: Routledge, 2000.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Traduzido por Reginaldo de Moraes. São Paulo: UNESP/ Imprensa Oficial do Estado, 1999a.
- \_\_\_\_\_. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Tradução de Mary Del Priori. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999b.
- \_\_\_\_\_. “As revoluções da leitura no Ocidente” *in*: ABREU, Márcia (org.). **Leitura, história e histórias da leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999c.
- \_\_\_\_\_. **Forma e sentido**. Cultura escrita: entre distinção e apropriação. Tradução por Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas, SP: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003.
- \_\_\_\_\_. **Os desafios da escrita**. Tradução de Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- DANTAS, Daniel. “Blogs como eventos de letramento”. *In*: 15º Congresso de Leitura do Brasil, 2005, Campinas. **Caderno de Resumos - 15º Congresso de Leitura do Brasil**. Campinas: Associação de Leitura do Brasil e Faculdade de Educação - Unicamp, 2005.
- \_\_\_\_\_. “Blogs como eventos de letramento”. *In*: IV Seminário sobre o Ensino de Língua Materna e Estrangeira e de Literatura, 2005, Campina Grande. **Anais do IV Selimel**. Campina Grande: Bagagem Editora, 2005.
- \_\_\_\_\_. “Dos diários íntimos aos virtuais: Uma abordagem etnometodológica dos weblogs”. *In*: II Congresso Luso-Brasileiro de Estudos Jornalísticos, 2005, Porto-Portugal. **Resumos das comunicações**. 2005.
- \_\_\_\_\_. “Uma perspectiva etnometodológica para o estudo de blogs”. *In*: Revista Comunicarte. Campinas: Pontifícia Universidade Católica (PUC-Campinas), v.23, p.17 - 32, 2004.
- FREIRE, Fernanda M. P.. “A palavra (re)escrita e (re)lida via Internet” *in*: SILVA, Ezequiel Theodoro da (coord.). **A leitura nos oceanos da Internet**. São Paulo: Cortez, 2003a.
- \_\_\_\_\_. “Formas de materialidade lingüística, gêneros de discurso e interfaces” *in*: SILVA, Ezequiel Theodoro da (coord.). **A leitura nos oceanos da Internet**. São Paulo: Cortez, 2003b.
- HYLAND, Ken. “Genre: Language, context, and literacy”. *In*: **Annual Review of Applied Linguistics**, 22: 113-135, 2002.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **A questão do suporte dos gêneros textuais**, 2003 (mimeo).

SILVA, Ezequiel Theodoro da. “Formação do leitor virtual pela escola brasileira: uma navegação por mares bravios” *in*: SILVA, Ezequiel Theodoro da (coord.). **A leitura nos oceanos da Internet**. São Paulo: Cortez, 2003a.

\_\_\_\_\_. “Leitura no mundo virtual: alguns problemas” *in*: SILVA, Ezequiel Theodoro da (coord.). **A leitura nos oceanos da Internet**. São Paulo: Cortez, 2003b.

VOLOCHÍNOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1978.

XAVIER, Antonio Carlos. “Leitura, texto e hipertexto”. *In*: MARCUSCHI, Luiz Antônio & XAVIER, Antônio Carlos dos Santos (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.